

# Entre mãe e filha

Usuárias do DIU, a psicanalista Cláudia Cardoso, 48, e a advogada Isadora Falcão, 30, sentiram na pele como uma gravidez não planejada na adolescência pode mudar todos os planos de uma vida e, desde então, apostam nos métodos mais seguros.

Mãe e filha, cada uma esteve de um lado da experiência. Cláudia engravidou aos 17, não teve o apoio do pai da criança durante a gestação nem depois, e demorou a encontrar a realização profissional. Isadora cresceu com o apoio dos avós e vendo a mãe trabalhar quantas horas fossem necessárias em diferentes empregos para poder dar a ela uma vida confortável.

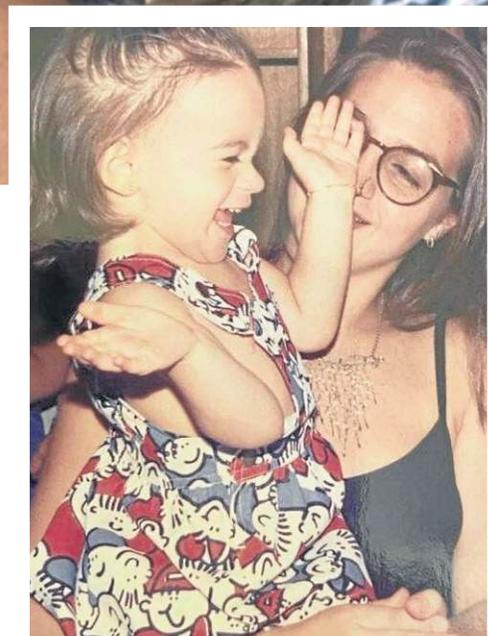
Cláudia, como Raíssa e Luiza, teve o apoio da família. Os pais cuidavam de Isadora para que ela pudesse estudar, mas garantiram que a filha assumisse todas as responsabilidades que a maternidade trazia. Sofrendo muito com o preconceito na região em que morava e sendo não só discriminada, mas hostilizada, a psicanalista se apegou às amigas verdadeiras e seguiu os planos como podia, atrasando a educação formal e a entrada no mercado de trabalho.

Quando engravidou, ela tomava pílula, mas “deu uma boabeira” no uso do contraceptivo e acabou engravidando. Alguns traumas seguiram sua vivência, como o medo de ter uma relação sexual novamente. “Tinha muito medo de que acontecesse de novo e foi também uma decepção amorosa que me machucou. Minha autoestima ficou zero e, quando voltei a ter relações, me protegia de várias formas diferentes”, lembra.

Quando Isadora chegou à adolescência, Cláudia, que sempre buscou o diálogo aberto e honesto com a filha, começou a orientá-la para que a situação não se repetisse. “Dizia o quanto a amava e não mudaria a chegada dela na minha vida, mas, ao mesmo tempo, não desejava que ela passasse pelo que passei.”

A conversa sempre foi muito clara e aconteceu de forma natural, até pela personalidade de Cláudia, uma mulher prática. As informações sobre os métodos e a escolha foram oferecidas para a filha, que, inicialmente, usou um implante e depois trocou pelo DIU.

Ela acrescenta que, além de falar sobre os cuidados e riscos, é necessário bordar o bem-estar sexual feminina de forma saudável e sem tabus. O machismo que envolve o assunto ainda é muito



Fotos: Arquivo pessoal

danoso e Cláudia acredita que o prazer feminino precisa ser tratado com mais naturalidade.

## “Medo, pavor, pânico”

Apesar da cabeça aberta da mãe, ver de perto todas as dificuldades pelas quais ela passou foi o bastante para que essas três palavras definissem o sentimento de Isadora com relação a uma gestação não planejada.

“Sei que teria o apoio dela e nunca existiu esse terrorismo lá em casa. Mas vendo como foi complicado, principalmente na questão social, eu criei esse medo da gravidez na adolescência que tenho até hoje, mesmo já estando com 30 anos”, ri.

Para a advogada, ver os poucos amigos que ficaram ao lado da mãe — e que permanecem até hoje — foi dolorido. Ver as oportunidades profissionais que uma mulher perde apenas por ser mãe e que tudo fica um pouco mais difícil foram alertas para que ela se informasse e fosse atrás de maneiras de se proteger.

Isadora acredita que a educação sexual sem terrorismo é uma das melhores maneiras de

## Cláudia e Isadora hoje (mais acima) e quando a mãe, adolescente, teve a filha

abordar o assunto. Mostrar aos jovens que caso precisem de apoio para ir a uma consulta, comprar um preservativo, pílula ou colocar um diu, eles não estão sozinhos.

Usando o DIU, ela defende que o método seja melhor conversado com os pais de adolescentes, para que eles fiquem mais tranquilos e entendam que os jovens vão ter relações, mesmo que eles tentem impedir, e que o ideal é que isso aconteça da forma mais segura possível.